

## **DIREITOS HUMANOS E HISTÓRIA AFRO-BRASILEIRA, UMA APRENDIZAGEM DIDÁTICA ACERCA DA INCLUSÃO NO CONVÍVIO SOCIAL: O PIBID NA ESCOLA ESTADUAL BRANDÃO DE AMORIM. PARINTINS /AM.**

Ediane de Cristo Santos (1); Bruno Oliveira Vasconcelos (1); Max Melo Fonseca (2); Moisés dos Santos Pimentel (3)

*Universidade do Estado do Amazonas, [ediane.cristo@hotmail.com](mailto:ediane.cristo@hotmail.com), [brunooliveiravmaues@gmail.com](mailto:brunooliveiravmaues@gmail.com), [fonseco.tomorrowland@gmail.com](mailto:fonseco.tomorrowland@gmail.com), [moisespimentel84@hotmail.com](mailto:moisespimentel84@hotmail.com)*

### **RESUMO:**

Este artigo teve como cunho pedagógico mostrar para os alunos do 3º Ensino Médio da Escola Estadual Brandão de Amorim, a questão da história afro-brasileira, abordando no campo da História a política, a cultura, e os movimentos sociais do negro brasileiro, estimulando os alunos para as questões historiográficas e suas continuidades na atualidade, contextualizando assim os direitos do afro-brasileiro, mostrando as suas lutas políticas, sociais e culturais, através da História, para que assim refletissem de que maneira o estudo sobre a história afro-brasileira pode moldar para melhor uma sociedade, sem racismo, sem injúria racial, e sem levar em conta a cor da pele como rótulo para discriminar o negro. O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência (PIBID) oferece como intenção de instigar a experiência do licenciando em sala de aula, apresentando o ponto de vista vivenciado durante sua docência. Nesta atividade as turmas de 3º ano do ensino médio turno vespertino tiveram a oportunidade de estudar um pouco sobre os Direitos Humanos e conhecendo partes da história afro-brasileira assim como as suas lutas, havendo interações entre pibidianos, alunos juntamente com o professor supervisor. Os resultados feitos durante nossas oficinas foram os debates, as perguntas, as pesquisas, a elaboração de cartazes, dissertações, e poesias referentes aos mini-cursos oferecidos.

**Palavras-chave:** Direitos Humanos, História, Afro-Brasileira, Ensino, Não ditos.

### **INTRODUÇÃO**

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência (PIBID) oferece como intenção de instigar a experiência do licenciando em sala de aula, apresentando o ponto de vista vivenciado durante sua docência. Este artigo relata o conhecimento de licenciandos em História da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), bolsistas deste programa, no subprojeto e efetivação de uma aula sobre Direitos Humanos e História Afro-Brasileira, para os alunos do 3º ano do Ensino Médio na Escola Estadual Brandão de Amorim em Parintins- AM.

Em um contexto interdisciplinar da História Afro-Brasileira, nossas oficinas buscaram ir além do que os livros didáticos apresentam, justamente para não generalizarmos o contexto que foi abordado, procuramos livros em bibliotecas como da escola trabalhada e da UEA, sendo essas nossas fontes de pesquisas e estudos. Ao pensar em aplicar a oficina através de nossas fontes, conseguimos ensinar para nossos alunos os não ditos que nos livros em que eles dispõem não dão todos esses detalhes de uma riqueza historiográfica do Afro-Brasileiro, no contexto político social e cultural. Mostrando as permanências no mundo contemporâneo das lutas destes negros por políticas

públicas onde assim possam estar inclusos perante o mundo capitalista aonde de certa forma ainda limitam todos a serem iguais.

A imagem do negro na história do Brasil que perpetua entre crianças, jovens e adultos, resumindo na sociedade, é de um sujeito sofrido durante o período escravocrata, parecendo que não tivessem artifícios para desdobrar esse sistema, foi aí que entrou o papel de nós bolsistas do PIBID graduandos em História, estamos para somar com as aulas do professor supervisor Moisés Pimentel garantindo assim aos alunos uma nova ótica sobre a identidade negra no Brasil. Um exemplo de rompermos com esses estereótipos construídos na sociedade foi de historicizarmos a política afro-brasileira, suas estratégias desde quando estavam nos navios negreiros, suas fugas para as matas construindo Quilombos e Mocambos, onde nesses locais seguiam suas próprias leis. Outra forma política para sua sobrevivência foi suas relações sociais com a sociedade branca, criando táticas para se manter fora desse sistema escravocrata, aparecem então o capitão do mato e principalmente profissões “privilegiadas” das mulheres negras nesse período do final do século XVI à XIX. A religião também é um exemplo de permanência da sua religiosidade trazida do continente africano, junto com o catolicismo no Brasil esses negros ressignificaram suas crenças, ao mesmo tempo garantindo a continuidade de suas tradições religiosas.

A luta incondicional por direitos e por respeito dos descendentes desses negros que ajudaram tanto para que o Brasil pudesse se desenvolver e se consolidar como um país democrático, ainda é um grande desafio mesmo nos dias atuais, pois ainda sofrem vários tipos de discriminação, às vezes direta e na maioria das vezes indireta. A discriminação racial direta é simples de ser identificada, pois resulta do comportamento humano, o qual transparece através de atitudes de cunho negativo, como ofensas, xingamentos, segregação ou até mesmo violência física, esses comportamentos são lançados em face da cor, atingindo diretamente a pessoa ofendida em seu âmbito. De outro lado, tem-se a discriminação racial indireta, esta forma de discriminação é proveniente de um comportamento racista mascarado através de atitudes com cunho discriminatório implícito. A discriminação racial surge de forma oculta nas normas, leis, políticas públicas, entre outras práticas cotidianas aparentemente desprovidas de qualquer aspecto discriminatório, mas que por trás possuem caráter extremamente racista.

Por tanto os direitos humanos são indivisíveis, inter-relacionados e interdependentes, já que é insuficiente respeitar alguns direitos humanos e outros não. Na prática, a violação de um direito vai afetar o respeito por muitos outros, sendo assim respeitar a cor, crença e o crédulo de cada um,



não tinha que ser visto e posto muitas vezes como obrigação e sim como a junção de duas palavras que enfatiza: Direitos Humanos.

## METODOLOGIA

As atividades dos pibidianos começaram a partir de observações feitas em sala de aula, sendo que o tema História Afro-Brasileira foi escolhido após essas observações da prática pedagógica, dos planejamentos que foram voltados para “A diversidade como Patrimônio Cultural Imaterial na temática: Direitos Humanos” onde foi trabalhado na escola o tema: *Direitos humanos e História Afro-Brasileira, uma aprendizagem didática acerca da inclusão no convívio social: O Pibid na Escola Estadual Brandão de Amorim. Parintins /AM*. Foram trabalhados quatro momentos como oficina.

Aplicando primeiramente a apresentação do subprojeto que se fez necessário esclarecer o que é Direitos Humanos identificando suas particularidades dentro da formação dos elementos Afro-Brasileiras, incentivando o interesse dos alunos. Para que assim não tenha somente um desenvolvimento do conteúdo histórico, mas do social aprendido. Nesse sentido,

A contrapartida deste fato é que embora no plano cultural e simbólico a questão racial esteja se transformando aceleradamente, estas transformações são mais lentas no plano político e praticamente inexistente no plano socioeconômico no qual os negros continuam sendo marginalizados. (NEVES, 2012: 270)

O primeiro momento da oficina foi apresentado em forma de slides para os alunos do 3º ano do Ensino Médio da Escola Estadual Brandão de Amorim, primeiramente foi dado espaço para a questão dos Direitos Humanos, bem como as nossas, justificativas, objetivos e ações que desenvolvemos com eles, usando de uma metodologia em nível de Ensino Médio.

O segundo momento foi feito abordagem didática com os diferentes pontos no que se refere à História Afro-Brasileira, como a religião, os movimentos culturais, sociais, a política afro-brasileira, a história contemporânea dos movimentos e os casos mais atuais de racismo como no esporte e com a imagem do afro-brasileiro construída pela mídia, onde houve uma grande troca de conhecimentos entre, professor, pibidianos e alunos, também foi bem trabalhado as diferenças entre injúria racial e racismo, onde houve discussão em relação ao tema estudado em sala, em seguida, ouvindo dos alunos relatos de casos de injúria racial e racismo que os mesmos tinham presenciado. Sendo que esses tópicos foram estrategicamente abordados em forma de palestra, mini-cursos e seminários.

No terceiro momento houve à apresentação de uma oficina voltado para as profissões femininas, no período do trabalho escravo negro no Brasil, através de slides e fotos que foram

distribuídos para os grupos formados por cinco alunos, onde cada um desses grupos deveria após a exposição dos pibidianos abranger de uma forma geral as profissões femininas e logo após houve uma socialização por parte dos mesmos através de poesias feitas por eles, inspirados no tema exposto.

No quarto momento da oficina ocorreu a exposição do filme “O Grande Desafio” mostrando através do mesmo as lutas sociais de negros, com educação e conhecimento um grupo de estudantes somavam esforços para divulgar as injustiças cometidas com pessoas negras, mostra a humilhação, separação, mas também a luta desse grupo que acreditava que poderia ser diferente, logo após os alunos produziram textos com foco no que lhes foi apresentado anteriormente, juntando com o que foi observado por eles no filme, houve também confecção de cartazes pelos mesmos em sala de aula relacionado à temática relatada bem como suas opiniões e conceitos sobre a identidade afro-brasileira. Os alunos eram bem participativos e houve grande interação com os pibidianos, em que foi possível almejar resultados positivos, seja ele de forma coletiva ou individual.

Nesta atividade as turmas de 3º ano do ensino médio turno vespertino tiveram a oportunidade de estudar um pouco sobre os Direitos Humanos e conhecer mais a fundo partes da História Afro-Brasileira assim como suas lutas, havendo interações entre pibidianos, alunos juntamente com o professor supervisor Moisés Pimentel.

Os materiais utilizados de uma forma geral foram: data show, haja vista que o escola Brandão de Amorim dispõe desse recurso tecnológico que foi de grande apoio para a excussão das oficinas, Pen Drives, papéis: Cartolinas, Papel A4; Cola Branca, Pincéis diversos, Tesouras, Durex Coloridos, Pincel Atômico, Caixa de Som, Notebook, EVA; Lápis; Caneta; Pregadores, entre outros.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

A primeira coisa decidida entre nós bolsistas do Pibid História e o nosso professor supervisor, foi à questão da maneira que iríamos apresentar, até porque estamos acostumados em nossa graduação a falar numa linguagem mais acadêmica, dentro de uma sala de aula poderíamos está correndo o risco de levar uma oficina cansativa, então foi verificado que tínhamos que entrar no mundo desses adolescentes, usando uma linguagem mais acessível, porém nunca perdendo o foco principal que é o aprendizado nas três turmas do 3º ano do Ensino Médio. A coordenação do Pibid História propõe para nós bolsistas um projeto a ser trabalhado sobre Patrimônio Cultural Imaterial na temática Direitos Humano, coube a nós criar um subprojeto para depois levar para dentro do âmbito escolar.



Em nossas oficinas trabalhamos com a História Afro-Brasileira. "A Lei 10.639/03, que tornou obrigatório, em todas as escolas do país, o ensino da história e cultura afro-brasileira..." (ALBERTI, 2013, p.27). Antes de entrar diretamente na temática, precisaríamos saber o que esses meninos e meninas de uma faixa etária entre 16 para 18 anos, compreendem sobre os Direitos Humanos, por isso deixamos a discussão livre para que eles socializassem seus entendimentos, estimulamos a debaterem sobre assuntos como liberdade de expressão, religião, cultura, opção sexual, e grupos étnicos, foi uma socialização bem interessante observado por nós, assuntos como atualidade, racismo, educação, e saúde, foram bem discutidos, nosso papel nesse momento foi mediar e conceituar alguns assuntos, nos três 3º ano (1,2,3), percebeu-se que um dos assuntos que gerou idéias diferentes entre esses jovens, é a lei das cotas para indígenas e afro-brasileiros, uns diziam que essa lei diminuía esses grupos étnicos, outros discordavam dizendo que essa lei é um mínimo do que o Brasil deve de indenização para os negros e índios. Essa atividade de socialização durou dois dias, o primeiro no dia 29/05/2015, fomos nas salas do 3º2, e 3º1, e no segundo na sala 3º3.

Após esses dias entramos na temática do nosso subprojeto no dia 06/05/2015, e logo de cara perguntamos para os alunos o que eles conheciam sobre a história do continente africano, uns ficaram olhando uns para outros, nas três salas nenhum se arriscou a responder, depois perguntamos o que eles conhecem sobre a história do continente europeu, claro era de se esperar nas três salas veio às respostas como: Grécia Antiga, Roma Antiga, feudalismo, caravelas, mercantilismo, industrialização, primeira e segunda guerra mundial, em fim notamos que de Europa conhecem bem. Era preciso então ensinar de maneira básica a História da África, com suas várias sociedades espalhados nos cinco pontos geográficos o norte, o ocidental, o central, oriental e o sul. Outras perguntas básicas que fizemos em sala são essas: Quem era o escravo na história? Todos responderam os negros. Quem escravizava? Os brancos. Quem é o rei na história? Os brancos. Esse jogo de perguntas e respostas foi para mudarmos suas concepções das palavras, escravo, escravizador e rei. Por isso mostramos em slides que os escravos no processo histórico não foram somente os negros, mas também os brancos e os índios. Quem escraviza não eram somente os brancos, na História da África sociedades muito bem estruturadas para guerra dominava e escravizava os derrotados isso era uma maneira econômica. E os reis da história não são somente os brancos, mostramos os grandes reinos com seus reis ornamentados de ouros eram tidos como deuses na África, exemplos como o de Gana, Mali, Songai e outros. Fazendo disso um rompimento com os estereótipos que são construídos em sociedade.

No segundo momento de nossa oficina, fizemos uma exposição de algumas profissões exercidas pelas mulheres negras no período escravocrata no Brasil, esse momento iniciou no dia 08/04/2015. Falamos que as mulheres vindas do continente africano, sua função como escrava era de trabalhar nas grandes lavouras principalmente os de açúcar, as mulatas já sendo geneticamente filhas bastardas de homens brancos, essas trabalhavam nas casas grandes dos senhores do engenho. Quando mais nova ficava encarregada de ser a mucama, após ter um filho aproveitava-se seu leite para amamentar o bebê da senhora, por isso conhecida como ama de leite, algumas dessas eram alugadas para essa função. Tinha também as cozinheiras, essas deveriam ter uma habilidade com todo tipo de proteínas, conhecendo os vários temperos. Os alunos fizeram algumas perguntas quando chegou nessa profissão, na questão da feijoada, do dendê, do camarão, da moqueca e dos doces que essas mulheres preparavam, como vimos que essa profissão estava bem interessante em sala, mostramos um verso, na cantiga de roda que era feito nas senzalas, a cozinheira desforra a sua raiva que ela sente pela sua senhora colocando bastante pimenta na moqueca, queimando assim os lábios de sua ama, o que gerou risadas em sala e também mais perguntas, explicamos que essa atitude dessa cozinheira é uma resistência ao sistema que ela fazia parte, depois mostramos as lavadeiras e as fiadeiras, essa última ficava encarregada confeccionar os tecidos menos nobres, usados pelos escravos e famílias pobres livres. O que observamos durante esses dois dias dessa atividade, foi à participação das meninas durante nossas aulas, a maioria das perguntas e dos comentários vinha por parte delas.

Finalizamos nossa oficina no dia 15/04/15, os três primeiros tempos foram trabalhados simultaneamente nos três 3º ano, cada turma ficaria com dois pibidianos responsáveis. O cinema nesse dia foi nosso recurso pedagógico. "O cinema pode ser considerado uma "nova" linguagem centenária, pois apesar de haver completado cem anos em 1995 a escola o descobriu tardiamente." (NAPOLITANO, 2013, p.11). O filme que escolhemos se chama "O Grande Desafio", apesar de ser uma produção norte americana, contando a vida dos negros daquele país, em meados das primeiras décadas do século XX, diferencia-se em alguns aspectos do afro-brasileiro, mas a maneira que o longa descreve num contexto bem social, é o que fez o levar para dentro das salas, após o término dele mostramos algumas lutas sociais dos negros no Brasil, desde de sua libertação, lutando por inclusão no mercado de trabalho, moradia e uma educação de qualidade, por exemplo nas regiões metropolitanas como São Paulo e Rio de Janeiro, foram criadas pelos negros no início do século XX associações, sindicatos, assembléias e outros órgãos de reivindicação de melhoria para os afro-brasileiros. Com essas informações ensinadas nos três momentos da oficina coube a eles elaborarem



em grupo um cartaz que tivesse suas interpretações sobre o nosso subprojeto, foram feitos cartazes com título uma educação igual para todos, sobre as mulheres negras, sobre profissões masculinas no período escravocrata, as lutas sociais, também tivemos dissertações individuais que expressaram seus entendimento e outros elaboraram poesias em forma de cordel. Assim com esses resultados ficamos felizes com esses adolescentes até porque devolveram algo satisfatório para nós.

## CONCLUSÃO

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) proporciona a conhecer e ter os primeiros anos de experiência como professores, a rotina em sala de aula, o comportamento de cada aluno, as estratégias usadas pelo professor que acompanhamos em sala, tudo isso é observado por nós durante a semana. A profissão de educador não é fácil, requer paciência e dom para lidar com diferentes pessoas, cada uma com sua personalidade, uns mais quietos, tímidos no seu lugar, outros medianos, não são nem lá e nem cá, porém conversam bastante, outros são mais imperativos, horas incomodam, mas também contribuem. Essa é a realidade, o real aprendizado de ser pibidiano é isso, enquanto o estágio integrado do currículo do curso de licenciatura dura somente um mês e meio, tempo esse que é muito pouco para adquirir uma vivência e experiência em sala de aula, no PIBID já vem ser diferente, é um estágio onde o licenciando irá passar um, dois ou três anos adquirindo aprendizado das técnicas, das metodologias, de como trabalhar com os recursos tecnológicos, saber calcular o tempo para expor aula e outros recursos que um docente utiliza para ensinar. Uma das falas do nosso professor supervisor, Moisés Pimentel, que chamou nossa atenção, foi quando ele dizia que o educador tem dois empecilhos, o primeiro é o sistema educacional que de certa forma relaxa e sempre dar uns tapinhas nas costas dos alunos, o segundo é o próprio desinteresse de alguns alunos em não querer estudar. O professor encontra-se nesse meio, batendo o pé para o sistema que tenta tirar autonomia desse educador, e ao mesmo tempo educando quem quer aprender verdadeiramente, “o mundo prático da docência é desafiador e isso faz do professor um verdadeiro artista” (MARTINS e ALVES, 2014, p. 262).

Licenciar é algo que requer planejamento, discussões, cuidados na abordagem, e principalmente conquistar a atenção dos discentes. Um bom subprojeto para ser executado precisa antes de tudo ter uma harmonização entre os pibidianos, em cada reunião havia discordâncias, todo tipo de opinião era colocada em pauta, debatíamos até chegarmos a um consenso, isso era para melhoria da nossa abordagem. Com essa oficina a cada referência lida, também íamos aprendendo sobre o contexto da História Afro-Brasileira, informações que até então nem se quer tínhamos a

noção que acontecia, como os casos de negros que compravam suas alforrias abriam um comércio, tendo assim um bom capital financeiro, aprendemos que alguns negros de confiança ganhavam uma pequena parte de terra de seu senhor, esse escravo plantava e criava animais para sua própria sobrevivência e ainda comercializava o que produzia, por isso queríamos mostrar esses não ditos que quase não aparecem nos livros didáticos, porque à abordagem feita pelos livros são num contexto mais macro, negros escravos trabalhando nas plantações de cana, nos engenhos, na produção do melão, nos cafezais, em fim essa história mais generalizante, cabendo a nós, pibidianos e professor supervisor, ensinar essas micro-histórias. Ser professor é isso, é buscar sempre outras referências, para que assim a aula torne-se, dentro da sala, um ambiente de discussão, gerando debates a cada caso ensinado, desta maneira se desperta o interesse de nossos alunos pelo conteúdo apresentado multilateralmente.

Ensinar a questão afro-brasileira é garantir para o aluno uma nova ótica, uma visão que vá além do livro didático, sobre a identidade negra no Brasil, Democracia Racial, Racismo, conflitos de classe ou Discriminação Social, essas são algumas das nomenclaturas utilizadas pela sociedade em geral e reforçada pelas instituições estatais que, negando o racismo institucional em nossa sociedade, e cabe a nós pibidianos graduandos em História juntamente com o professor supervisor oportunizar nossos educandos a conhecer uma historiografia Afro-Brasileira diferentes dos discursos de cunho etnocêntrico.

## REFERÊNCIAS

- BITTENCOURT, Circe (org). **O Saber histórico na sala de aula**. 8º Ed. São Paulo: contexto; 2013.
- MARTINS, Valteir e ALVES, Neliane de Sousa. (Orgs.). **Caderno Do Programa Institucional De Bolsa De Iniciação À Docência- PIBID**. (v.1/2014)-.-Amazonas: UEA Edições, 2014.
- NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2013. p. 11-56. Cap. O Cinema e a escola.
- NEVES, Paulo S. C. DOMINGUES, Petrônio. **A diáspora negra em questão identidades e diversidades étnico-raciais**. São Cristóvão: Editora UFS, 2012.